

INTRODUÇÃO ÀS NARRATIVAS
JORNALÍSTICAS

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Teixeira Primo – UFRGS

Álvaro Nunes Lorangeira – UFES

André Lemos – UFBA

André Parente – UFRJ

Carla Rodrigues – UFRJ

Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ

Cristiane Finger – PUCRS

Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS

Erick Felinto – UERJ

Francisco Rüdiger – UFRGS

Giovana Scareli – UFSJ

Jaqueline Moll – UFRGS

João Freire Filho – UFRJ

Juremir Machado da Silva – PUCRS

Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP

Maura Penna – UFPB

Micael Herschmann – UFRJ

Michel Maffesoli – Paris V

Moisés de Lemos Martins – Universidade do Minho

Muniz Sodré – UFRJ

Philippe Joron – Montpellier III

Renato Janine Ribeiro – USP

Rose de Melo Rocha – ESPM

Simone Mainieri Paulon – UFRGS

Vicente Molina Neto – UFRGS

Bruno Souza Leal

INTRODUÇÃO ÀS NARRATIVAS
JORNALÍSTICAS



Editora Sulina

Copyright © Bruno Souza Leal, 2022

Capa: Like Conteúdo
Projeto gráfico: Fosforográfico/Clo Sbardelotto
Editoração: Clo Sbardelotto
Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

L435i Leal, Bruno Souza
Introdução às narrativas jornalísticas / Bruno Souza Leal. – Porto
Alegre: Sulina, 2022.
143 p.; 14x21cm.
ISBN: 978-65-5759-086-7

1. Jornalismo. 2. Sociologia. 3. Comunicação Social. 4. Mídias.
I. Título.

CDU: 070
316.77
CDD: 070
301

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.
Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar
Bairro Santana, CEP 90620-100
Porto Alegre, RS – Brasil
Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br
www.editorasulina.com.br

Setembro / 2022
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Agradecimentos

Não tenho como nominar todas/os estudantes que, por vários anos, frequentaram as aulas de “Narrativas Jornalísticas” e outras disciplinas que ofertei, em especial dos cursos de graduação. Aprendi e continuo aprendendo a ser professor e pesquisador com elas/es, que foram testemunhas e companheiras/os de acertos, erros, inquietações e pesquisas sucessivas. A elas/es, um agradecimento que não se pode expressar em palavras.

Às/aos parceiras/os de pesquisa – amigas/os, colegas e/ou orientandas/os – pela partilha de descobertas e percursos.

Um agradecimento especial aos queridos Carlos Mendonça e Nuno Manna, pela leitura atenta dos originais e pelas sugestões preciosas à versão final deste texto.

Agradeço por fim ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sem os quais as inquietações aqui presentes não teriam ganhado forma nem espaço.

Ao David, sempre.

SUMÁRIO

Introdução / 9

1 O que entendemos por “narrativa” / 15

1.1 Para começo de conversa / 15

1.2 Cotidianos / 20

1.3 Multiplicidades / 25

1.4 Pôr junto / 28

1.5 Saber, explicar / 36

1.6 Jornalismo e informação / 42

1.7 Narrativa e textualidade / 45

2 Narrativa e ficcionalidade / 51

2.1 Imaginar, pensar / 54

2.2 Ficção, ficcionalidade / 58

2.3 Políticas da imaginação / 65

2.4 Mitos / 69

3 Estéticas em confluência / 74

3.1 O realismo e suas ilusões / 75

3.2 Melodramas / 88

3.3 Sensações e sensacionalismos / 94

4 Éticas narrativas / 99

4.1 Testemunhar / 103

4.2 Polifonias / 115

Referências / 125

INTRODUÇÃO

Este livro busca lançar um olhar ainda pouco usual sobre os produtos jornalísticos e mediáticos, abordados a partir da sua condição de fenômenos narrativos. A narrativa aqui não é entendida como uma modalidade textual, e sim como um modo através do qual experiências são organizadas e compartilhadas. Sob essa perspectiva, diferentes relações e características se fazem ver, assim como outros desafios teórico-conceituais e modos de abordagem peculiares. As reflexões aqui apresentadas resultam da experiência acumulada, por vários anos, em disciplinas na graduação em Comunicação e em Jornalismo, em diferentes instituições de ensino, mas particularmente na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em especial, na UFMG, ofertei com regularidade “Narrativas Jornalísticas”, que exigiu e possibilitou, com o passar dos anos, a construção de um modo peculiar de aproximação e entendimento sobre os fenômenos jornalísticos, um esforço de configurar temas e de articular matrizes e perspectivas teóricas. Este livro materializa grande parte do percurso desenvolvido nessa disciplina. Diferentes pesquisas elaboradas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMG, com apoio da

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), em torno das narrativas mediáticas também foram decisivas para a mirada que se busca desenvolver. Esse olhar não tem como objetivo explicar, defender ou dizer como devem ser as narrativas e os processos jornalísticos. Ao contrário, busca fazer problema, enfrentar aspectos pouco trabalhados, seja por estarem muito naturalizados ou por serem muito complexos, e trazer à cena dimensões e relações que demandam atenção e estudo.

Ainda que em alguns momentos, nas páginas seguintes, a palavra “jornalismo” seja encontrada no singular, isso se dá em função de economia textual e comunicacional. “Jornalismo” é entendido aqui como experiências histórico-culturais diversas, variáveis, em diferentes tempos e realidades sociais. No Brasil e em países do Ocidente prevalece o que se chama de “jornalismo moderno” ou “jornalismo de notícias” (expressões aqui tomadas como sinônimas), com suas raízes na ciência e na epistemologia que predominaram no século XIX ocidental. Longe de constituir-se como um todo homogêneo, esse “jornalismo moderno” possui clivagens e contradições e, mais ainda, não compreende toda a diversidade das experiências jornalísticas (Nerone, 2015; Jácome, 2020; Barnhurst, 2016; Muhlmann, 2008, entre outros). Sem embargo, as reflexões apresentadas neste livro reconhecem não só a diversidade interna da chamada “instituição jornalística moderna” como também outros modos jornalísticos que se dão à sua margem ou para além dela. Diante de experiências históricas, um caminho produtivo é não tomar como guia parâmetros ou ideais normativos, que, no geral, tendem a situar-se fora do tempo e das condições concretas de existência.

Na direção contrária, é preciso abordar esses parâmetros e ideais criticamente, tal como são compreendidos e assumidos em contextos específicos.

Algumas escolhas orientam e conformam as reflexões aqui apresentadas. Em respeito à diversidade de gênero, busca-se evitar construções que privilegiam o masculino (“o repórter”) ou o feminino (“a jornalista”). Não há solução canônica, na língua portuguesa, que incorpore essa preocupação. Alguns autores adotam soluções interessantes. O filósofo estadunidense Alphonso Lingis, por exemplo, faz oscilar, em seus ensaios, as referências a homens e mulheres e ao gênero, como caminho de abarcar a diversidade humana. Com isso, ele rompe com alguns preceitos normativos de sua língua de pensamento, o inglês. Esse embate com a norma culta, assim, é inevitável. A opção escolhida neste livro é outra, também arriscada. As palavras que demarcam gênero são sempre grafadas com uma barra transversa, que articula suas flexões no feminino e no masculino. Assim, fala-se sempre em “interlocutoras/es”, em “as/os” repórteres, “as/os” jornalistas. A barra que separa “as/os” também os unifica, permitindo-nos ir além dos binarismos usuais.

Outra escolha diz respeito aos exemplos. Há vários ao longo das páginas seguintes. No entanto, este livro não traz nenhum estudo de caso, nenhuma análise detida sobre esta ou aquela narrativa ou situação. Da mesma forma, se há uma atenção especial às narrativas jornalísticas, as reflexões e exemplos se estendem para além delas, alcançando outros produtos e processos mediáticos. Em parte, isso se dá porque as reflexões e articulações apresentadas não se resumem ou são restritas aos fenômenos jornalísticos. Em parte, porque há uma recusa deliberada das purificações, das dicotomias e das demarcações *a priori*. As narrativas são inumeráveis e complexas, são parte

de dinâmicas sociais e processos comunicacionais multifacetados e não se deixam aprisionar por categorias ou limites que as simplificam, por mais difundidos que estes sejam. Leitoras/es podem sentir falta de uma discussão propriamente metodológica, que sugira ou indique consequências analíticas e operacionais dos entendimentos aqui elaborados. Neste momento, porém, o esforço se concentrou na construção de uma perspectiva, de um modo de olhar, deixando a apresentação da reflexão metodológica acumulada nas diferentes pesquisas e em sala de aula para um segundo momento.

O entendimento do jornalismo como experiência histórica não faz deste livro um livro de História. As referências à diversidade de experiências jornalísticas e midiáticas no tempo e no espaço servem a um propósito reflexivo, de aproximação crítica a diferentes fenômenos e processos. Não há uma matriz teórica única que organiza e orienta o percurso empreendido aqui. O ponto de partida, que subjaz a toda a reflexão, é um entendimento da narrativa que se afasta, como disse, do seu encapsulamento como uma modalidade textual. Ao buscar olhar o jornalismo à luz das narrativas, proponho um percurso por diferentes relações, aspectos, conceitos e perspectivas teóricas. O esforço aqui, então, é de precisão (abordar e apresentar conceitos e relações de modo pertinente), densidade e tirar articulação (termos, conceitos e relações entre si e com fenômenos e processos específicos), de modo a desnaturalizar tratamentos usuais, trazer questões e estimular curiosidades e inquietudes.

O percurso empreendido neste livro envolve quatro movimentos que se supõem complementares. O primeiro deles, no Capítulo 1 (“O que entendemos por ‘narrativa’”) aborda o conceito de narrativa e algumas relações fundamentais. Nesse momento, são apresentados perspectivas e entendimentos que,

por um lado, lançam um olhar peculiar sobre os fenômenos jornalísticos e mediáticos e, por outro, servem como alicerces para as reflexões seguintes. O Capítulo 2 (“Narrativa e ficcionalidade”) aborda um aspecto fundamental das narrativas já indicado na seção anterior, que ganha atenção específica dada as suas complexidades e nuances, muitas vezes simplificadas ou borradas no cotidiano. Entre esses matizes, está o vínculo entre imaginação e pensamento, que se materializa inclusive na constituição de tradições epistêmicas específicas e no jogo entre inovação e sedimentação de conceitos, sentidos e experiências.

O Capítulo 3 (“Estéticas em confluência”) dá um passo à frente nessa discussão e observa aspectos ideológicos e epistêmicos numa face especialmente pouco explorada dos fenômenos jornalísticos: os modos como as histórias são contadas. Entre as diferentes tradições estéticas que se fazem presentes no jornalismo e em outros processos mediáticos, nos dedicamos especialmente a três, pela sua importância e centralidade: o realismo, o melodrama e o sensacionalismo. A partir deles, descortinamos, no Capítulo 4, o que chamamos de “éticas narrativas”. Distantes de visadas normativas ou deontológicas, as discussões desenvolvidas nesse momento compreendem implicações epistêmicas e ideológicas das narrativas jornalísticas e mediáticas, a partir de dois conceitos-chave, o testemunho e a polifonia.

Como se verá, menos que indicar um caminho apaziguador para os fazeres jornalísticos e mediáticos, nos deparamos com inquietações, instabilidades ou desafios que escapam a regras ou protocolos. A própria expressão “éticas narrativas” se assenta nas mediações imperfeitas, nas soluções provisórias que cada história performa, nos seus processos de figuração de mundos possíveis, nas suas articulações com realidades, ideolo-

gias e acontecimentos, nas suas intrínsecas dimensões estéticas. O Capítulo 4, nesse sentido, é uma consequência dos movimentos anteriores, mas está longe de ser uma conclusão. Trata-se, ao contrário, de mais uma abertura, algo já buscado nos capítulos que o antecederam. Não leia este livro, então, buscando respostas. Espero, porém, que encontre boas perguntas.